



REDACTOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 28-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Tallaiba-Lisboa • Telefone 5339 C.
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATAILHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Impera a reacção

As forças reacçãoárias servem-se actualmente de todos os meios para aniquilar o espírito revolucionário das massas trabalhadoras. Há uma tendência para reinar todas as liberdades conquistadas pelo povo, todas as regalias alcançadas pelo proletariado consciente.

Vem-se até os próprios republicanos acamardando, favorecendo as seitas mais reacçãoárias. O espírito religioso vai-se infiltrando novamente. Já se permitem procissões. Enquanto se perseguem os elementos operários, mais ou menos animados de intuídos avançados, fecha-se os olhos aos maneios clericais, e permite-se que, a frente de importantes corporações do Estado republicano, se encontrem oficiais monárquicos.

Estamos assistindo à concentração de todas as forças capitalistas. O espírito militarista e religioso, tam condenado pelos republicanos noutros tempos, desenvolve-se, toma vulto. E os demócratas, que se distinguiram pelo seu amor a certas liberdades, confundem-se agora com os mais reacçãoários, usando táticas jesuíticas para defender o capitalismo. Chegou-se a uma época em que os republicanos sinceros não podem ter cabimento na república. Tem que avançar, tem que ir até ao socialismo ou ao anarquismo.

Ante as ideias revolucionárias que se vão propagando, que se desenvolvem com assombrosa rapidez, penetrando nas classes que se distinguiram, não há muito tempo, pelo seu espírito conservador, os capitalistas reagem, reagem numa forma violenta. E por isso que a Batailha avançada assiste ao baquer ininterrupto dos pioneiros da Revolução, trucidados, assassinados pelos operários inconscientes que trocaram pela «Mausers» a ferramenta de trabalho.

Liberdades mínimas são espezinhadas brutalmente. Enviam-se para as províncias, afim de preservar os camponeses do contágio dos propagandistas conscientes.

NOTAS & COMENTÁRIOS

...e multiplicai-vos

No ano passado efectuaram-se em Inglaterra nada menos de 400.000 casamentos. A Inglaterra é um país muito religioso e temente a Deus. E como quer que Deus ordene aos homens, na sua infinita sabedoria, que cresçam e se multipliquem, os súbditos de Jorge V obedecem: 400.000 casamentos. Deus disse também: «Não matarás». E nas ruas de Dublin, o prelado vem sendo rigorosamente respeitado há mais de meio século. Também Deus ordenou aos homens que se respeitassem a propriedade alheia, e este princípio o tem levado os ingleses a todas as partes do mundo. Daí, os seus imensos domínios. Deus diz também na enumeração das divinas obras de misericórdia: «Dá de comer a quem tem fome». Nunca a Inglaterra infringiu tal mandamento, pois se o lord-mayor de Cork morreu de fome foi apenas porque não quis comer. Mas onde a Inglaterra patenteou melhor a sua piedosa orientação política foi na Índia. Na África também. Bem se pode dizer que são os ingleses o povo eleito de Deus. Ainda bem que a raça não dá jeito de extinguir-se. De 400.000 casamentos alguma coisa sairá. Era preciso. Na Irlanda há ainda muito sangue e é preciso espalhá-lo nas calçadas, para maior glória do United (2) Kingdom.

A Silésia

Foram favoráveis à Alemanha os resultados do plebiscito agora feitos aos povos da Alta Silésia. Contribuiu para esta finalidade a circunstância de não ser obrigatório na Alemanha o serviço militar, enquanto na Polónia já a população é forçada a suportar dois anos de caserna. O serviço militar em toda a parte é detestado e tido por odioso. E por isso que a disciplina intervém nos exércitos de todos os países, aniquilando a individualidade, esmagando a faculdade de raciocinar, juncando cada homem a uma grande máquina de ferro, de que os soldados fazem parte como rodas de engrenagem, sem compreender a razão de ser do seu movimento. E bem conhecida a frase de Frederico o Grande: «Se cada um dos meus soldados soubesse o papel que desempenha, nem um só permaneceria nas fileiras». Pois esta grande vantagem sobre o serviço militar teria decidido os silésios. Os alemães são, de resto, uns hábeis diplomatas, e já durante a guerra o demonstraram bem. Eles sabem bem aproveitar-se da ignorância e das estúpidas tendências dos vários povos para levar a água ao seu molinho. Porque, se os silésios fossem espertos, abster-se-iam simplesmente de votar por uma ou outra dominação e prefeririam duma maneira simples — a independência.

Doido?

José Júlio da Costa, o executor de Sidónio, vai abandonar a Penitenciária. Passa para o hospital Miguel Bombarda. Toda a gente tem a convicção de que José Júlio da Costa não está doido. Ele foi o primeiro a proclamar-se ajudado — embora esse depoimento não tenha valor para partir da parte interessada. O mau-cômico é em muitos casos, neste por exemplo, um primeiro passo para a liberdade. Pois está bem que venha para a liberdade José Júlio da Costa. Ele matou um homem. O assassinado deixara matar vários, durante o seu consulado. A cor da nossa actual situação política dará continuidade à cadeia delincente. Mas contanto não mataram os Sidónios inocentes que não mataram o Sidónio, não fizeram mal a ninguém, e sem embargo permanecem enclausurados?

Misturas

Reclamando a peça que pôs há pouco em cena, e chamando-lhe «bluete», como em Paris, uma qualquer empresa teatral escapava ontem a curiosidade das gentes anunciando que:

«...as coristas e as artistas descem a misturar-se com o público, e este pode observar de perto os seus encantos.»

Por maiores que sejam as liberdades concedidas ao réclamo pelo consenso geral, lá nos parece que desta feita foram ultrapassados os limites últimos do razoável. «Misturas» com o público afiguram-se-nos demasiado. «A observação de encantos, feita de perto» e não sabemos com quantos dos cinco sentidos que ao homem cabem, achamo-las escandalosas, simplesmente. Uma lei natural, por sinal que das mais imperiosas, leva os homens para a proximidade das mulheres. Mas aproximá-las há da canina a espécie humana desde que não seja envolvido dum certo recato o doce comércio do amor. E como poder legitimamente indignar-se alguma destas artistas e coristas reclamadas pela forma que acima se admira, se um qualquer sádico devasso cruelmente lhe propuzer «mistura» para «observar de perto os seus encantos» — a menos que elas protestem já contra a sordidez do grosseiro réclamo?

União dos Sindicatos Operários

O conselho de delegados reúne-se sexta-feira. Reuniu ontem a comissão administrativa, que se ocupou de diversos expedientes do movimento de protesto às perseguições governamentais contra a organização operária espanhola. Ocupou-se ainda de outros assuntos importantes, que serão presentes ao conselho de delegados, que reunirá na próxima sexta-feira, pelas 21 horas, pelo que deve comparecer todos os delegados.

O folheto insidioso DA CONFEDERAÇÃO PATRONAL

As suas ilustrações

Proporcionámos já aos nossos leitores várias transcrições do indecente folheto que a Confederação Patronal mandou imprimir e distribuir gratuitamente. Faltou-nos dizer que o envio desses folhetos era acompanhado dum circular em extremo curiosa e elucidativa. Esse documento merece ser integralmente transcrito, respeitando-lhe a ortografia e a sintaxe, para lhe não tirarmos o sabor. E assim:

Ex.º Sr. — Com a presente tenho a honra de enviar a V. Ex.º um exemplar do folheto «Miserias de Um Novo Regime» que como V. Ex.º verá, se destina a fazer a propaganda «pro Ordem» como alicerces indispensáveis à manutenção da sociedade. E assim, como da sua vulgarização depende o êxito da primeira iniciativa deste generoso da Confederação Patronal, por isso, como V. Ex.º já sabe, a Confederação Patronal, por meio do seu jornal, o «Conveniente», vem fazendo a divulgação do mesmo folheto, para que todos que tem que perder, se nam e trabalhem em prol do bem comum.

Com os protestos dos meus agradecimentos. Subscreevo-me, com a maior consideração D. V. Ex.º Var e Obrigação. (Assinatura ininteligível).

Os intuídos da Confederação Patronal revelam-se claramente nesta circular. O que se deseja é «fazer a propaganda pro-Ordem», como alicerces indispensáveis à manutenção da sociedade. Leia-se: é preciso garantir o regime da propriedade privada, a exploração do homem pelo homem, a conservação da classe burguesa com os seus privilégios. Aquela manutenção da sociedade, a que aludem os patrões, significa simplesmente a manutenção da sua preponderância económica, da sua faculdade de roubar a riqueza que do esforço dos trabalhadores deriva. Pretende-se também que os jornais provincianos incutam os trechos mais patéticos para incutir no ânimo dos leitores o «conveniente» necessário.

Conveniente de quê? O conveniente de que todos os que tem que perder se nam e trabalhem em prol do bem comum. Comum, virgula. Em prol dos seus próprios bens, dos interesses daqueles «que tem que perder». A verdade, como ela em tantas incidências se revela, é esta: os patrões tem medo, os patrões tremem. Mas eles sabem que só da união resulta força e procuram unir-se, para resistir um pouco mais, esquecendo-se de que, quando a derrota é certa, a resistência torna-se imprudente.

Esta tática de resistência, tam precipitadamente adoptada nos últimos tempos do seu predomínio, os patrões lá a terão achado boa. Isso é com eles. Nós aceitamos a sua defesa. Só não aceitamos os seus processos porque eles são desonestos e indecentes. Se o que os patrões procuram é «a união de todos os que tem que perder» para que veem dizer ao público menos culto que a revolução russa foi nociva e fatal aos interesses dos trabalhadores, quando o certo é que ela atingiu apenas esses tais que tinham que perder... a faculdade de roubar legalmente os outros? Se os patrões, da finança, do comércio, da agricultura ou da indústria temem, como fatal para eles, apenas para eles, o alargamento da revolução iniciada no oriente, porque não falam francamente, dirigindo-se aos endinheirados da grei exploradora, em lugar de vir mentiroso dizer ao povo que há na revolução horrores nunca sonhados, quando ela representa afinal a alforria para a grande parte da humanidade e só tem de mal... para os senhores patrões, aquele preceito de quem não trabalha, podendo fazê-lo, não tem direito a comer?

A união dos patrões, está muito bem. Isso evitará que o operariado alargue o seu front, nos momentos da luta. Quando um inimigo se concentra e ajunta as

suas forças, às vezes não consegue mais que oferecer um alvo mais seguro. Unam-se portanto as hostes patronais. E-nos indiferente o caso. Mas não venham puxar a braça à sua sardinha por processos de que um bandido se envergonharia.

O folheto da Confederação Patronal é ilustrado. Eis uma novidade que ainda não tínhamos dado aos leitores. E nas gravuras que a preveridade dos autores do folheto mais se revela e acentua. Temos o «saque às casas particulares». Um borrão pessimamente impresso. Representa evidentemente qualquer antiga scena do tempo do império. No primeiro plano uma velhota, dobrada ao peso dos anos num cadeirão, e em sua volta um rancho de crianças. Em todas as faces, nas atitudes, uma impressão singular de pavor. A esquerda, o chefe da família. Está de costas, nu da cintura para cima, a pr'a indicar que já lhe roubaram a camisa. Na sua frente a esposa, a protecção da qual uma outra criança se acolhe, aterrorizada. A direita alta um soldado sobraja uma esatuela e um qualquer outro objecto, dando a ideia de que se prepara para bilá-los. A esquerda, um outro soldado, mais lesto pelos modos que os companheiros, encaminha-se para a saída, com um ar clínico, levando já a sua trouxa de objectos surripilados. Ainda um terceiro soldado, no fundo, vassula uma gaveta. Um último soldado vigia o trabalho. Este é o «saque às casas particulares», segundo o pinto o folheto da Confederação Patronal.

A segunda gravura traz a legenda «A Bacanal Bolchevista». Mulheres mobilizadas em nome do amor livre e por ordem dos soviets. Não há relação alguma entre esta legenda infame e a scena representada na gravura. Entende o miserável autor do folheto que não se aperceberiam os leitores da diferença. Tudo servia. A gravura reproduz um quadro de devassidão, vulgar talvez no tempo dos tsars. Uma cave. Em redor duma mesa um grupo de soldados embriagados se, junto da mesa, de pé, uma mulher decotada emborça um copo. Noutra parte da scena, uma meretriz, estirada languidamente num banco comprido, reclinase sobre o ombro do amante. Um e outro se mostram de semblantes fisonómicos, embora embrutecidos pelo alcool. Nada que indique violência. E apenas uma scena de bordel a que se retrata. A prostituição aliada ao alcoolismo, tal qual é frequente ver-se nestas sociedades modernas que a Confederação Patronal defende.

Uma última gravura pretende representar «A requisição sumária nos estabelecimentos». Alguns soldados, em posturas de tragédia, saem dum estabelecimento, ajeitados de deguleros. Os detalhes distinguem-se mal, porque a impressão é detestável. De resto esta circunstância auxilia os desígnios da Confederação Patronal. O esparvalhamento dos ignorantes sabará ver nas partes borradas novos aspectos dum sangrento drama, sob as sugestões dos autores do folheto.

Nesta coisa das gravuras a infâmia toca o auge. Já impressão que aquela bonecarem horrenda não poderá causar sobre os espíritos fracos e descolheu o efeito que tam vis patribas, adrede forjadas para embrutecer, não poderiam exercer sobre as pessoas crédulas e timoratas, se não fosse suscitada por demais a sua origem. Digam-nos agora o leitor se, conhecido o autor da letra tráfufice, lhe não dão ganas de intima-lo a declarar a origem dos seus bonecos mentirosos; sob pena de delirir lhe toda a tiragem do folheto esfregando-lhe no sórdido fôcino.

O que eles inventam!... ESPANHA NEGRA

O Primeiro de Janeiro, de 19 do corrente, apressou-se a dar, resumidamente, aos seus leitores um pouco de veneno que o Exelsior costuma fornecer à França reacçãoária.

Trata-se dum pseudo-plano estratégico, para propaganda bolchevista que abrange várias cidades da Europa. Lê-se no Janeiro:

«Os centros directores seriam Moscú, Reval, Berlim e Paris; e os postos principais de ligação compreenderiam Londres, Copenhague, Varsóvia, Kíef, Praga e Madrid.»

Madrid comunicaria com as cidades de Barcelona, Valência, Málaga, Cadiz, Lisboa e Porto. Lisboa seria considerada como ligação de primeira ordem e de ponto de terceira.»

Tanta asneira junta até nos dá vontade de rir, ao mesmo tempo que nos obriga a fazer uma triste ideia da inteligência da policia internacional.

O que eles inventam!...

Triste fim duma comédia

CONSTANTINOPLA, 22. — O governo francês informou o general Wrangel de que não podia continuar a «cuidar as despesas com o seu exército». A França oferece-se para repatriar o general para qualquer ponto da Rússia, dar-lhe os meios necessários para emigrar para a América do sul ou, aceitar os seus serviços na legião estrangeira. Wrangel protestou veementemente solicitando um adiamento de prazo para a dissolução do último exército antibolchevista. — Ráido.

A rebelião de Cronstadt

(DA AGÊNCIA «ROSTA WIEN».)

Os oficiais rebeldes propunham-se abrir fogo contra a costa da Finlândia

Nos campos rebeldes só os oficiais tsaristas se mantêm ainda. Os soldados e os marinheiros já não tomam parte activa no complot. Caso Cronstadt seja bombardeado, os oficiais rebeldes propõem-se abrir fogo sobre a costa finlandesa para provocar uma «démarche» da Finlândia contra a Rússia Sovietista.

Os oficiais contra-revolucionários vigiados pelos marinheiros

O moral dos revoltosos é mau. A população de Cronstadt espera ansiosamente o final da revolta e exige que os oficiais contra-revolucionários sejam entregues às autoridades soviéticas. Os marinheiros elegeram uma comissão para vigiar os membros do comité contra-revolucionário e impedir a sua fuga para a Finlândia.

Os marinheiros, soldados e estudantes de Petrogrado querem combater os revoltosos

Os marinheiros e soldados de Petrogrado bem como os estudantes de todas as escolas superiores adoptaram no seu comício uma resolução idêntica: desajam combater energeticamente os rebeldes de Cronstadt.

A situação de Petrogrado

A estação rádio-telegráfica de Reval perguntou à estação de Petrogrado se estava o poder dos soviets ainda de pé na cidade. A estação de Petrogrado respondeu da seguinte maneira:

«Os soviets de operários e de camponeses estão senhores de Petrogrado e o seu poder terá mais longa duração do que todos os governos burgueses. Para nos agradecerem esta comunicação, que lhes deve ser agradável, queiram ter a bondade de transmitir as nossas felicitações aos comunistas estonios pela bela vitória que acabam de alcançar nas eleições municipais de Reval.»

As fábricas de Petrogrado já tem madeira

A melhoria produzida nestes últimos dias (8 e 9 de Março) no transporte de madeiras, tornou possível fornecer as fábricas de toda a quantidade de madeira relativa ao mês de Março.

Novas fábricas que se abrem

O comité executivo municipal de Petrogrado abriu 7 oficinas para consertos de calçado. Ultimamente começou-se a construção de 3 novas fábricas de pão para instalar as mais modernas. Estas fábricas deverão produzir 11.000 pães de pão por dia.

Os soldados vermelhos prendem um chefe da revolta

Os acontecimentos de Cronstadt provocaram indignação geral entre a população da cidade e da província de Petrogrado.

Os operários e os soldados vermelhos realizam numerosos comícios protestando contra a rebelião. Cinco aeroplanos soviéticos voaram sobre Cronstadt e lançaram proclamações nas ruas. Um destacamento de soldados vermelhos penetrou em Cronstadt e fez prisioneiro o chefe rebelde Verchinine. Uma multidão de fugitivos chega diariamente de Cronstadt e da situação como desesperada. A população tem falta de viveres, o «Petrovskoye» tem carvão apenas para três dias. Os oficiais impedem os marinheiros de se renderem às autoridades soviéticas.

Verchinine é um criminoso de delito comum

O chefe rebelde Verchinine, que foi feito prisioneiro pelos soldados vermelhos, é um criminoso de delito comum. Nada tem que ver com a política, interessa-se apenas pelo ronbo e pela pilhagem. Declarou que o poder em Cronstadt passou para as mãos dos oficiais cujas relações com os marinheiros são muito melindrosas. Os oficiais conservam os marinheiros a bordo dos navios e não lhes permitem pôr pé em terra.

Os vermelhos tomam três fortes de Cronstadt

A 13 de Março as tropas soviéticas arrancaram três fortes de Cronstadt das mãos dos rebeldes. Encontraram nestes fortes grande quantidade de material de guerra. Declararam-se incêndios na cidade que estava coberta de espessas nuvens de fumo.

AS GREVES

Operários da indústria têxtil da Covilhã

COVILHÃ, 21. — Ontem reuniu a classe operária para tomar conhecimento das «démarches» levadas a efeito pela comissão de melhoramentos, tendo sido lido um officio da Associação Industrial, no qual era declarado que, só depois de retomar o trabalho, ela poderia negociar com uma comissão operária a organização de celeiros, para assim concorrerem para o barateamento da vida, pondo de parte qualquer ideia de aumento de salário.

No decorrer da sessão, vários oradores usaram da palavra, demonstrando claramente o que advirá de futuro se os operários aceitarem os celeiros, pois que nunca se realizarão, representando assim uma burla para os trabalhadores.

A assembleia manifestou-se ruidosamente, pondo de parte os celeiros e autorizando a comissão de melhoramentos e a direcção a enviarem um officio à Associação Industrial, fazendo-lhe sentir que os operários tinham rejeitado tal ideia e que só retomariam o trabalho quando os industriais quizessem negociar sobre o aumento de salário, que a classe operária porá de parte quando se verificar que a vida desceu proporcionalmente, terminando assim um conflito que não deseja manter.

No final foi resolvida a publicação de um manifesto elucidando o público sobre as razões que levaram a classe operária a fazer, assim como a realização de um comício onde energeticamente se devem desfazer as atoardas levantadas pela classe industrial com o apoio da própria autoridade.

O movimento prossegue com a maior altivez possível, até que as suas justíssimas reclamações sejam atendidas. Foi lida uma nota officiosa do comité dirigente da greve, concebida nos seguintes termos:

O comité dirigente da greve apela para que todos os camaradas continuem resistentes na luta tremenda contra os detentores da riqueza social, e que todos, cada um de per si, procurem a melhor arma para fazer guerra aberta aos que exploram e vivem da miséria dos trabalhadores.

Regista-se a maior satisfação a maneira como todos os cam. rad. se tem mantido, esperando que não haja o m. nor desfecho e que todos os grevistas tenham a máxima confiança no futuro. Na guerra contra a guerra! Viva a greve geral! — O comitê.

No final da sessão foram levantados vivas à C. G. T., à Batalha e à solidariedade da classe têxtil.

A Batalha vende-se em Abbeville.

Além disso, outros motivos há a tornar a vida difícil naquela região.

O CASO LIBERATO

Tinhamos razão...

Afinal razão tinhamos nós para duvidar que o sr. Liberato Pinto fosse pôsto à margem da guarda republicana, onde de há muito vem exercendo o cargo de chefe do estado maior.

Tudo nos indica que o sr. Liberato Pinto fica. Quem sai é precisamente quem tentou afastá-lo do poleiro, o general sr. Pedroso de Lima, que já foi lançado ao ostracismo, havendo sido substituído no cargo de comandante da guarda pelo sr. Correa Barreto, alto trunfo democrático, que é também o presidente do senado.

Bem nos queria parecer que o sr. Liberato, que é uma potência dentro do distrito, havia de triunfar, para satisfação das empresas jornalísticas, a quem fornece soldados, quando ministro, e de Alfredo da Silva, de quem tomou a defesa quando atingido por uma medida do sr. commissário dos abastecimentos, conforme A Batalha reteriu.

Pelos bairros sociais

Foi demitido o conselho de administração

Chega-nos a informação de que pelo ministro do trabalho, que para esse efeito se dirigiu aos bairros sociais, foi ontem demitido o conselho de administração dos mesmos bairros, ao qual se atribue, parece que com fundamento, a prática de irregularidades, algumas das quais determinaram várias sindicâncias.

Entre os indivíduos que constituíram aquele conselho de administração figuram os conhecidos elementos socialistas Artur Consulado, Martins Santarena e João Gonçalves.

Dizem-nos que o conselho de administração ora demitido vai ser substituído por elementos do partido democrático, partido em que forma o ministro do trabalho, o que deve corresponder à verdade.

O pior é se o futuro administração não dê ainda piores provas do que os que saem.

EM LOURENÇO MARQUES

Há falta de casas

Nos últimos 8 meses desembarcaram em Lourenço Marques 11.000 passageiros portugueses a mais de que o número de sedais, o que vem agravar o grave problema da falta de casas, e as muitas dessas famílias estão vivendo em pequenos quartos sem conforto e sem higiene.

Além disso, outros motivos há a tornar a vida difícil naquela região.

A GREVE

Trabalhadores dos jornais

O que eles não confessam.

Fortes razões existem para que o tenbroso mênor dos industriais do jornalismo Manuel Guimarães, que no Seculo representa, como é público e notório, os interesses dos homens de negócios da rua dos Capelistas, escurme a sua negra bílis contra os elementos mais combativos da greve dos trabalhadores dos jornais.

Uma dessas razões reside na circunstância de não ter ele conseguido, e igualmente os que de perto o acompanharam, nem mesmo com o auxílio que o actual e o anterior governo indolentemente tem prestado, as respectivas empresas, com a cecidade de tipógrafos militares, anular a acção de A Imprensa de Lisboa, o órgão dos grevistas, que, a despeito de todas as restrições que a sua existência tem lançado os conspícuos cavalheiros, continua publicando regularmente as suas duas edições, o que sobrenaturalmente contraria os interesses dos industriais do jornalismo, não só porque eles sabem que a recusa que aquele jornal deu vai a comissão executiva do movimento buscar uma parte apreciável do subsídio que semanalmente distribui aos grevistas, mas também porque lhes faz concorrência, representando assim uma arma de eleição extremamente eficaz contra os industriais do jornalismo.

E por isso que estes põem todo o empenho em aniquilar essa arma, supondo que, realizado tal objectivo, os grevistas deixarão de opôr-lhes a resistência que até hoje tem afirmado, tarefa que se nos afigura de difícil execução.

Admitindo, porém, que os industriais do jornalismo conseguissem ver coroados de êxito as suas tentativas, não logariam enfraquecer sensivelmente as faculdades de resistência dos trabalhadores dos jornais, porque nesse momento recorreriam para a solidariedade da classe operária organizada, que seguramente não deixaria de dar-lhes toda a sua assistência, correspondendo desta forma à galhardia com que algumas das classes em greve tem secundado os movimentos levados a efeito pela organização sindicalista.

Reunião magna dos grevistas

A Comissão Executiva Pró-Aumento de Salários dos Trabalhadores de Jor-

C. G. T.

Comité Confederal

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Comité Confederal, com a presença de todos os seus membros.

A Alta Silésia

O resultado do recente plebiscito

A legação da Alemanha em Lisboa enviou-nos a tradução dum telegrama officinal recebido ontem de Berlim, onde se dá conta do resultado do plebiscito da Alta Silésia, pedindo-nos a sua interpretação, o que fazemos a seguir:

«O resultado do plebiscito da Alta Silésia foi uma vitória completa para a Alemanha. Segundo os dados recebidos até agora, houve 713.700 votos para a Polónia. Uma grande maioria para a Alemanha contra 460.700 votos para a Alemanha deram os conselhos Kreutzberg, Rosenberg, Neustadt, Cosel, Gleiwitz, Leobschuetz, Ratibor, Koenigsbuette, Oppeln. Maioria menor, mas sempre assegurando completamente a maioria para Alemanha, deram os conselhos Lublinitz, Katowitz, Bentzen e Hindenburg. Também os conselhos Pless, Rybnik, Tarnowitz deram maioria alemã. No conselho de Gosserehitz a votação foi quasi igual. Votaram pela Alemanha em grande superioridade todas as cidades, especialmente todos os centros de industria. Os polacos obtiveram a maioria só no campo, especialmente ali, para onde, ao contrario dos pedidos urgentes do governo alemão, não foram enviadas a tempo tropas para proteger a povoação alemã, duramente castigada pelo terror dos polacos.»

Uma informação da «Rádio»

LONDRES, 22. — Dizem de Berlim que os resultados oficiais do plebiscito da Alta Silésia são 876.000 votantes a favor da Alemanha e 399.000 a favor da Polónia. Falta ainda conhecer o resultado dos dois importantes distritos de Pless e Rybnik, onde a maioria deve ser polaca. Em vista do resultado do plebiscito, a Alemanha deve reter a maior parte desta rica e industrial provincia, tam

